

EXPANSÃO DA SOJA NO TERRITÓRIO NACIONAL: O PAPEL DA DEMANDA INTERNACIONAL E DA DEMANDA INTERNA

Margarida de Cássia Campos
Doutora em Geografia pela
Universidade Federal de Santa Catarina
mcassiacampos@hotmail.com

INTRODUÇÃO

Atualmente, o complexo sojicultor é responsável por inúmeras metaformoses em vários espaços do território brasileiro, sendo um importante elo da economia interna com a internacional. A safra de grãos no país em 2008 e 2009 alcançou a marca histórica de 142 milhões de toneladas, das quais a soja contribuiu com cerca de 42% do total de grãos, conforme Companhia Nacional de Abastecimento – Conab – (2009).

Hoje, a referida oleaginosa é o principal produto agrícola na pauta de exportações brasileiras e o maior responsável pelo aumento da colheita nacional de grãos. Assim, esses dados colocam o Brasil como segundo maior produtor mundial, conforme gráfico a seguir. Essa cifra de produção alcançada pelo Brasil nos últimos anos não deve ser analisada como um processo resultante de aspectos recentes da agricultura brasileira

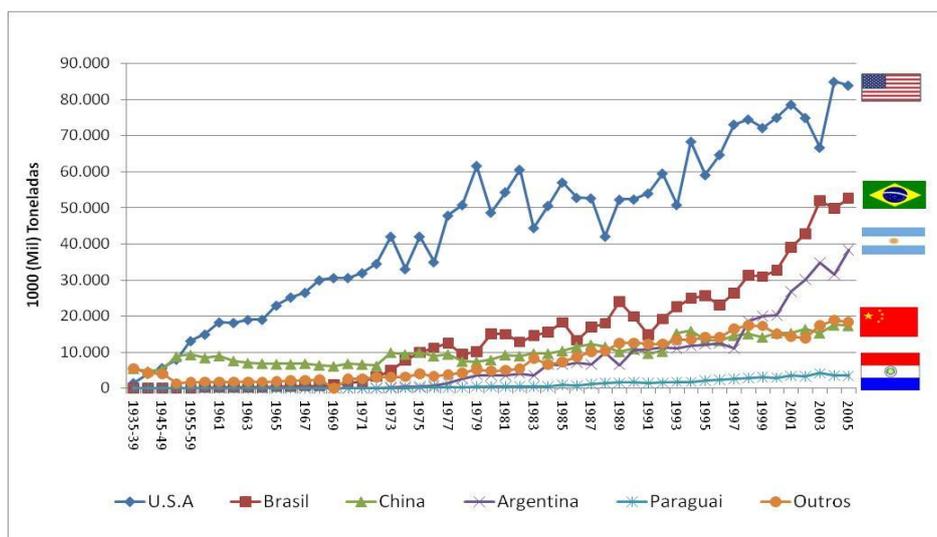


Gráfico 1 – Produção mundial de soja de 1935 a 2005-em mil toneladas.
Fonte: Bonato e Bonato (1987) e Mapa (2009)

O crescimento da produção mundial da soja de 1935-39 a 1985, conforme o Gráfico 1, foi de 795%, com maior expressividade para o Brasil; na sequência, experimentou um desenvolvimento extraordinário entre 1945/49 a 1985 indicado pela taxa de 166.163,63%.

A China era a maior produtora de soja havia 70 anos. Hoje, ela aparece apenas como quarta colocada. Em 1949, após a Revolução promovida por Mao Tse-Tung, a China saiu do mercado mundial de soja, e os Estados Unidos ocupou o lugar de maior exportador na safra de 1955-59. A Argentina teve crescimento entre 1962 e 1985 de 59.09% na produção de soja.

No país que ainda hoje lidera a produção, os Estados Unidos, o acréscimo em 50 anos foi de 3.73%. Cabe destacar que a partir do final da década de 1970 houve um rápido crescimento da produção nesse país, permitindo entender que respondeu bem aos altos preços do mercado mundial, em especial em 1972, quando a tonelada de soja entre 1945 e 1972 oscilou entre 60 e 90 dólares; a partir de 1973, passou a registrar de 100 a 400 dólares. (MAPA, 2009; USDA, 2007; BONATO & BONATO, 1987).

Em contrapartida, entre 1986 e 2005 o aumento da produção de soja brasileira foi mais que o dobro da norte-americana, respectivamente 395,25% e 158,88%. Isso indica que o papel do Brasil na produção mundial de soja cresce a cada ano, pois em 1945-49 o Brasil produzia 0,07% da soja mundial, em 1985 foi 18,15% e em 2005, 24,58%. (USDA, 2007)

Para entender a expressividade da cultura da soja no Brasil, é necessário analisar aspectos da história econômica brasileira e averiguar quais agentes e ações foram responsáveis pelo processo de modernização da agricultura que impôs a substituição de culturas, com destaque para a soja.

A soja foi a cultura eleita como “carro chefe” das mudanças na base técnica da produção, desencadeada a partir de meados da década de 1960. Sua expansão teve suporte estatal nunca visto no Brasil, por meio de oferta de crédito abundante para a compra de máquinas e insumos. Até mesmo quando a política não era dirigida à soja, esta obteve benefícios. Na região Centro-Oeste, os programas destinados à ocupação do cerrado também a privilegiaram.

Nesse contexto, políticas agrícolas foram sendo transformadas em instrumentos de apoio à soja (crédito rural, estoques reguladores, política tecnológica, política de preços mínimos, entre outras ações). Os produtos privilegiados desse processo são aqueles voltados para a exportação.

A expansão da demanda internacional por soja posteriormente avançou para o mercado interno, substituindo os óleos de amendoim e algodão, a gordura de coco e de banha de porco. O início dos anos 1970 marca também a instalação de sistemas de produção industrial de aves de corte no Brasil, provocando o aumento da demanda de farelo de soja para ração animal no mercado interno.

A pressão da demanda interna e a maior diversificação das exportações agrícolas configuram um quadro de maior exigência pelo suprimento de produtos agrícolas; o atendimento dessa demanda é extremamente importante para que o ritmo de crescimento e de acumulação continue sem interrupções.

O PAPEL DA DEMANDA INTERNA PARA A EXPANSÃO DA SOJA NO TERRITÓRIO BRASILEIRO

O crescimento e a diversificação dos produtos para o mercado interno são um fato recente da história econômica brasileira. Segundo José Graziano da Silva (1998b, p.14), em 1907 cerca de dois terços da produção agrícola destinaram-se ao mercado externo, mas já em 1919 essa parcela se reduzia pela metade (aproximadamente 36%).

A produção agrícola era caracterizada pelo predomínio quase exclusivo do café e, também, pela pouca importância dada à ocupação do imenso território brasileiro para atividades agrícolas.

Os grãos destinados à subsistência, como o milho, o arroz, o feijão e outros, eram cultivados de maneira rudimentar, em meio às “ruas” de café, ou seja, como atividade complementar: “[...] até 1929, o café ainda representava quase metade do valor de produção agrícola do país”, incidindo para pouco mais ou menos 16% desse valor no período de 1939/45 (SILVA, 1998b, p.15).

Após 1930, a economia brasileira direcionou suas políticas para o fomento da industrialização. Portanto, a produção de grãos passou a receber atenção especial, com objetivo de fornecer matérias-primas para a indústria de alimento destinado às populações urbanas em crescimento.

O projeto nacional desenvolvimentista idealizado por Vargas tinha como objetivo industrializar o país, porém não excluiu o setor agrícola, pelo contrário, esse setor diversificou-se e expandiu-se, principalmente após a internacionalização do D1 para a agricultura em meados da década de 1960.

Coelho (2000, p. 29) aponta que o efetivo crescimento da produção de grãos, em especial a soja, foi a força motriz no processo de transformação da agricultura brasileira tanto na expansão da área como no aumento da produtividade. De 1965 a 1998, a produção de grãos passou de 25,1 milhões para 79,8 milhões de toneladas: um crescimento de 216%.

A soja foi responsável pela concretização deste crescimento: em 1965, era quase inexistente; em 1970, atingiu 5 milhões de toneladas; em 1980, 15,16 milhões; em 1998, 30,6 milhões; e hoje, segundo Mapa (2009), passa de 60 milhões de toneladas (de acordo com a Safra de 2009/2010).

O mesmo autor (2000) ainda assinala que o efeito da expansão na produção de grãos provocou, de forma gradativa, uma expansão no parque industrial para esmagamento do grão de soja, e outros, e para a extração do óleo e do farelo.

A moderna e dinâmica indústria de farelo de soja e milho permitiu o rápido desenvolvimento duma sofisticada e avançada produção de suínos e aves, bem como a instalação de grandes frigoríficos e fábricas para sua industrialização.

Concomitantemente, foi criado um sistema eficiente de suprimentos de insumos modernos e de distribuição que inclui as grandes cadeias de supermercados até os pequenos varejistas locais.

O rápido desenvolvimento do setor da soja no Brasil foi alavancado pelo crescimento do uso doméstico de diversos derivados da soja. Dois exemplos que podem justificar essa afirmativa são o crescente aumento, desde a década de 1970, do consumo de óleo de cozinha e o incremento do farelo para uso de ração animal.

Antes de 1970, o consumo brasileiro de óleo de soja era abaixo de 100 mil toneladas/ano, e a utilização do farelo era menor que 150 mil toneladas. A utilização de ambos cresceu rapidamente na década de 70 e, em 1980, o consumo de óleo era oito vezes acima do nível de 1970, enquanto o de farelo chegou a 25 vezes acima do nível de 1970. [...] Em 1990, o consumo total de óleo atungiu de cerca de 240 mil toneladas a mais que em 1980; e a utilização de farelo cresceu perto de 740 toneladas. (WARNKEN, 2001, p.55).

A demanda por óleo advém da soma da demanda tanto do mercado interno como do externo desse produto, isto é, dos hábitos alimentares da população.

Na década de 1970, no mercado doméstico o óleo de soja encontrava como concorrente os óleos de algodão, amendoim e a gordura de porco. Com o passar do tempo, o próprio governo adotou políticas de incentivo para o consumo de óleo de soja e a demanda por esse produto aumentou.

As exportações do óleo de soja não são tão expressivas quanto às do farelo, como demonstram os Gráficos 2 e 3, mas, também, registraram um efetivo aumento nos últimos dez anos, como demonstra o Gráfico 3.

Em relação ao consumo interno, as cifras sofreram vertiginoso acréscimo em dez anos (ver Gráfico 3) após o plano real, via diversificação da indústria alimentícia.

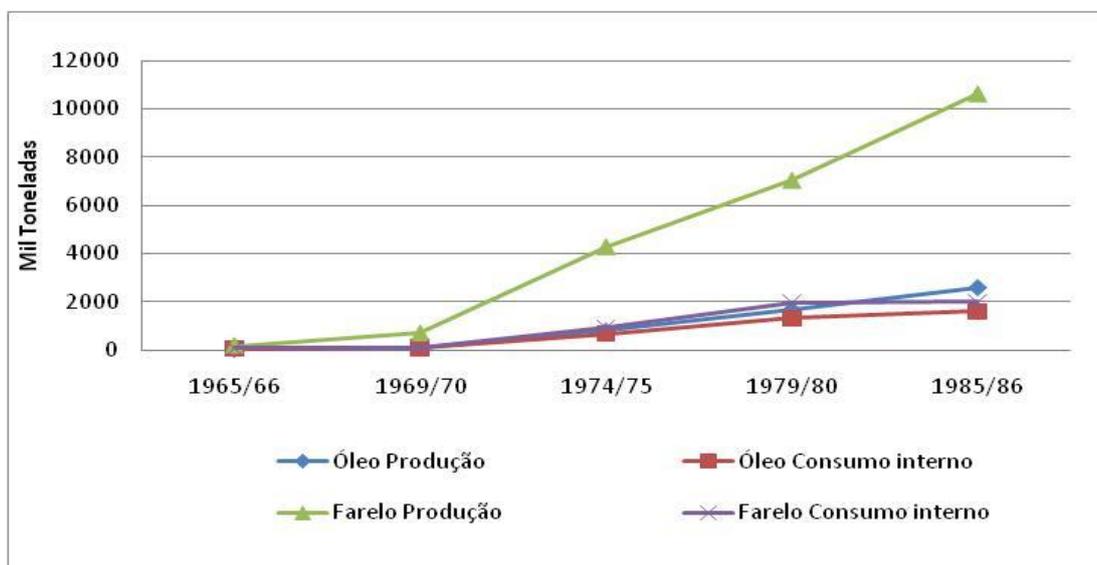
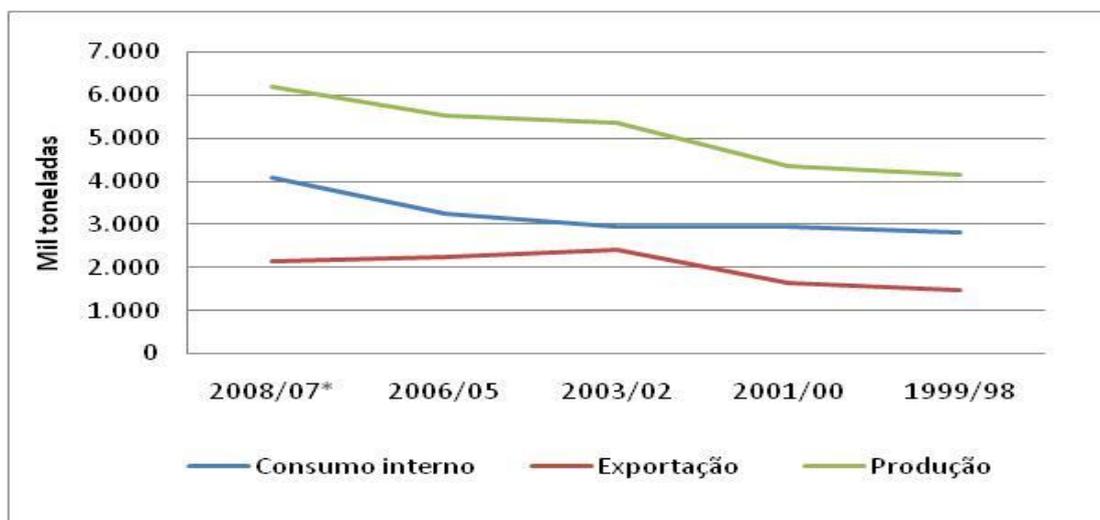


Gráfico 2 – Brasil: Oferta e demanda de óleo e farelo de soja (1.000t).
Fonte: Bonato e Bonato (1987).



Obs.:* previsão

Gráfico 3 – Produção de óleo de soja em mil toneladas.

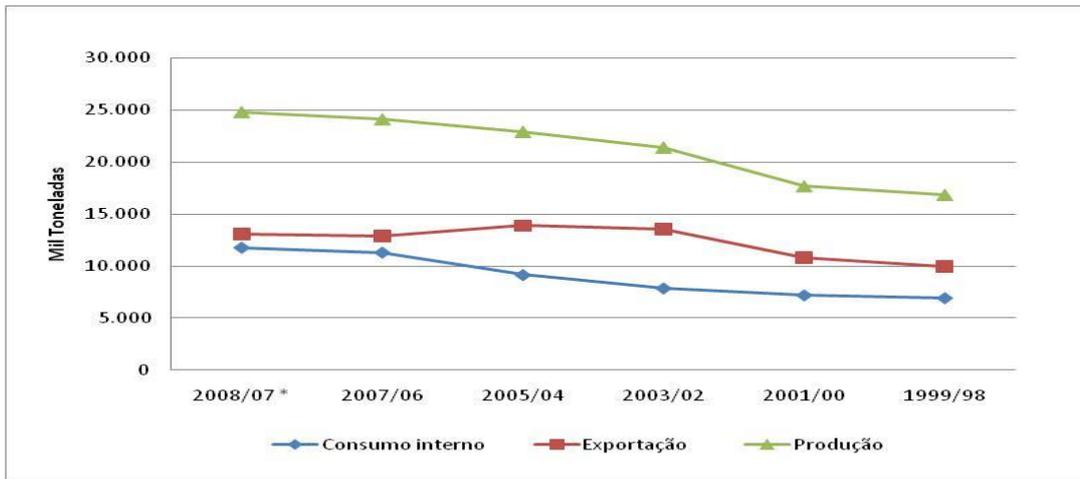
Fonte: Abiove (2008).

No Gráfico 2, observou-se que o aumento do consumo interno de óleo de soja de 1965/66 a 1985/86 sofreu um acréscimo de 3.057,69%. Além de ser consumido na cozinha de parte substancial ($\frac{3}{4}$ do total) da população brasileira, o restante desse óleo de soja é utilizado na fabricação de margarinas e hidrogenados diversos.

Observando-se ainda o mesmo Gráfico 2, nota-se que o aumento do consumo interno de farelo de soja de 1965/66 para 1985/86 foi de 3.110,93%. Segundo o Sindicato Nacional da Indústria de Alimentação Animal (apud WARNKEN, 2001) cerca de 65% da ração tem em sua composição o farelo de soja, utilizado pela indústria de aves; 10% pela indústria de laticínios; 20% pela indústria de suínos e o restante por outras indústrias de animais.

Por isso, a demanda doméstica por farelo de soja é expressa por via da demanda animal, principalmente por produtos oriundos da carne de ave; em menor proporção estão a carne suína e os laticínios.

A demanda internacional por proteína animal também é um fator preponderante para o crescimento da produção interna de farelo de soja. E a tendência é aumentar, como se pode observar neste Gráfico 4, a seguir.



Obs.:* previsão

Gráfico 4 – Produção de farelo de soja em mil toneladas.
Fonte: Abiove (2008).

Sorj (1980, p.39) afirma que o consumo de ração no Brasil cresceu de forma acelerada a partir do final da década de 1960, passando de 168 milhões de toneladas, em 1968, para, dez anos depois, alcançar a cifra de 11.328 bilhões de toneladas; tal crescimento articulava-se à indústria nacional de frango, que foi umas das beneficiadas direta do rápido crescimento do processamento de soja no país, como o demonstra a Tabela 1.

A expansão da avicultura tornou-se o principal fator para o aumento do uso de farelo no Brasil a partir de meados da década de 1970. Warnken (2001, p.56) argumenta que a indústria avícola moderna instalou-se no Brasil a partir da década de 1960, por meio do uso de sistemas de produção intensivo de gerenciamento importado dos Estados Unidos. Esses sistemas de produção foram adaptados, sem grandes modificações, utilizando-se do mesmo material genético, desenho de estrutura, sistema de nutrição e gerenciamento, organização da produção e de comercialização.

TABELA 1 – BRASIL: EVOLUÇÃO DA PRODUÇÃO DE OLEAGINOSAS E DA CAPACIDADE DE PROCESSAMENTO (1.000 t)

| | Produção de oleaginosa* | Capacidade anual de processamento |
|--|-------------------------|-----------------------------------|
|--|-------------------------|-----------------------------------|

| | | |
|------|--------|--------|
| 1976 | 12.716 | 10.420 |
| 1977 | 14.205 | 12.470 |
| 1978 | 11.130 | 14.387 |
| 1979 | 12.035 | 20.925 |
| 1980 | 16.958 | ND** |
| 1981 | 16.764 | ND** |
| 1982 | 14.522 | 27.086 |
| 1983 | 16.036 | 27.267 |
| 1984 | 17.310 | 27.567 |
| 1985 | 20.809 | 27.399 |

*De 1976 a 1984, inclui: soja, amendoim, caroço de algodão, mamona, girassol, linho e colza. Em 1985, inclui: soja, amendoim, caroço de algodão e mamona.

Fonte: Bonato e Bonato (1987, p.43).

É importante destacar que a princípio a expansão da indústria de frango concentrou suas unidades em São Paulo, Paraná, Rio Grande do Sul e, em especial, no Oeste de Santa Catarina, onde se localizam as maiores agroindústrias avícolas: Sadia e Perdigão. A produção de aves nessa região se deu pela proximidade dos grandes centros urbanos do país e por essa região ter sido o lócus do início da produção de soja e da importância da cultura do milho. As políticas governamentais serviram de estímulo à produção nacional de ração, sobretudo após as proibições à exportação, que mantiveram o baixo preço do milho (WARNKEN, 2001, p.56)

Cabe destacar que a indústria de ração, com o propósito de vender seus produtos, desenvolveu planos de modernização das granjas e orientação técnica aos produtores, juntamente com planos de financiamento, sendo essa indústria tanto a expressão como o detonador da modernização da produção avícola, bovina e suína.

Esse fato impulsionou o crescimento desse setor no país. Vale mencionar que as grandes empresas multinacionais lideraram esse processo, dentre elas: Cargill, Ralston-Purina, Anderson Clayton entre outras. (SORJ, 1980, p.39). Atualmente, Archer Daniels Midland, Bunge, Cargill (EUA) e Louis Dreyfuss (França) controlam 43% da capacidade de processamento no Brasil.

O rápido crescimento desse setor influenciou diretamente a demanda pelo milho e farelo de soja. Segundo Silva (2008b), o Brasil teve um crescimento de 4.500% na produção avícola de 1965 a 2007. Isso constituiu um dos fatores da ampliação da demanda por farelo de soja no mercado interno, sem contar que a elevação da produção mundial de aves também apresentou altos índices, ou seja, 703,02% nos últimos 40 anos, o que provocou um aumento na demanda da ração animal nos mercados nacional e internacional, como se analisou anteriormente.

Segundo Dall'agnol (2008), a importância da soja para diversos usos industriais não alimentícios tem lugar de destaque, já que em 2001 existiam 110 empresas fabricando cerca de 300 produtos industriais, elaborados a partir da soja.

Em 2003, já havia 250 empresas lançando no mercado cerca de 400 produtos elaborados com a soja. O potencial da soja para oferecer matéria-prima em substituição ao uso do petróleo é enorme; e vários laboratórios americanos investem em pesquisa nesse sentido.

A soja aparece como alternativa, também, tanto para o biocombustível quanto para outras finalidades, como a produção de plásticos, detergentes e lubrificantes, produtos atualmente derivados do petróleo.

Cabe destacar que nos últimos anos vem ocorrendo um significativo aumento nas oportunidades para atender crescentes nichos, voltados em especial para a alimentação humana, baseada na soja orgânica. Embora sua participação na produção nacional seja irrisória, o mercado direcionado para esse produto cresce muito, em especial na exportação para os países da Europa.

Entretanto, a quantidade de soja utilizada na indústria alimentícia ainda é pequena – cerca de 1%. Seu grande destino ainda é a elaboração de rações para animais (DALL'AGNOL, 2008) e óleo para consumo humano. Mas, a tendência é crescer, tendo em vista a atual demanda de substitutos renováveis e ambientalmente mais sustentáveis do que os combustíveis fósseis.

A soja utilizada na indústria não alimentícia aparece em produtos como estes: lubrificantes e graxas, detergentes, solventes (também, industriais), xampus, sabonetes, nutrientes para cabelos, sabões especiais para limpeza de pele, produtos para higiene pessoal, protetores solares, loções para a pele, antibióticos, substituto para o couro, poliéster, tecidos especiais, aditivos para diesel, vernizes, polidores, cera automotivas, películas protetoras de concreto, tijolos, madeira, papel, materiais para móveis, velas especiais, componentes de carpetes, fluidos hidráulicos, dielétricos e para trabalhos com metal, óleo para motores e óleos industriais, removedores de sujeira, lavadores industriais, proteínas industriais, adjuvantes de pesticidas agrícolas, emulsificadores de óleo combustíveis, materiais para construção (suprimentos para concreto), isolantes, adesivos, plásticos, massa de vidraceiro, redutores de poeira e odores, tinta e componentes para impressão, produtos para

tingimento, antiespumantes, pesticidas, anticorrosivos, materiais para calafetação, seladores, regentes analíticos, creions para desenhar (DALL'AGNOL, 2008).

A DEMANDA INTERNACIONAL POR SOJA E A SUA INFLUÊNCIA NA EXPANSÃO DESSA CULTURA NO TERRITÓRIO NACIONAL

Cabe destacar que alguns fatores em escala mundial tiveram impactos diretos no aumento da produção de soja brasileira:

- a) desde o final da década de 1940 e início de 1950, houve um efetivo crescimento da produção de carnes no mundo: aves, suínos e bovinos, que passaram a utilizar o farelo de soja, como base na produção de ração;
- b) o uso de óleo de soja a partir de meados da década de 1940 teve um efetivo aumento: entre os anos de 1947 e 1964, o seu consumo passou de 23% para 61%; e as substâncias graxas registraram 11% de aumento nesse período, a margarina 73% e o acréscimo do uso do óleo de soja na composição das margarinas subiu de 35% para 76%. (BERTRAN; LAURENT; LECLERCQ, 1987);
- c) a redução no início dos anos 1970 da produção mundial de farinha de peixe, utilizada na composição de rações para animais. O farelo de soja surgiu como importante substituto na composição de rações, a preços competitivos, tanto em relação à farinha de peixe como em relação aos farelos substitutos;
- d) o crescimento da economia internacional no início dos anos 1970. Durante esse período, houve aumento significativo nos preços de *commodities*, principalmente após 1970; e
- e) os países que dependiam da importação de petróleo e eram grandes produtores de *commodities*, como é o caso do Brasil, tiveram de aumentar as exportações após a alta no preço do petróleo em 1973 e, posteriormente, em 1979.

A demanda por grão de soja e pelos seus derivados direcionados à exportação constitui-se num fator imprescindível para entender o crescimento do plantio dessa oleaginosa no território nacional. Em relação à mudança da política agrícola em benefício das exportações após 1968, Delgado (1985, p. 64 e 65) pontua que estas modificaram sensivelmente a estratégia expropriatória dos anos de 1950, enumerando algumas inovações na política econômica e monetária que garantiram esse novo arranjo para o setor agropecuário:

EXPANSÃO DA SOJA NO TERRITÓRIO NACIONAL:

O PAPEL DA DEMANDA INTERNACIONAL E DA DEMANDA INTERNA

Revista Geografares, n° 8, 2010

- o Sistema Nacional de Crédito Agrícola de 1965;
- os subsídios às exportações, sob a forma de isenções, créditos fiscais e taxas de juros favorecidas;
- a vasta legislação de decretos e portarias subsequentes; e
- o sistema de minidesvalorização de 1968.

Essas políticas fomentaram as culturas de exportação. Sorj (1980, p. 79) também destaca a importância dessas políticas para o incremento nas décadas anteriores a 1980 das exportações agrícolas. Ele corrobora que a contribuição da agricultura com produtos *in natura* e manufaturados obtiveram um aumento substancial. A soja e seus derivados foram sem dúvida o “carro chefe”, passando a liderar a pauta de exportação que, conseqüentemente, transformou o Brasil no seu segundo maior produtor mundial.

Sorj (1980) ainda enfatiza que a expansão de artigos agrícolas para exportação não se deu fundamentalmente na base de produtos tropicais, dos quais os países periféricos ainda são os maiores produtores, mas em torno de oleaginosas como a soja, que gera importante concorrência entre os países desenvolvidos.

O gradativo aumento de exportação para o mercado europeu (em 1974, 39% dos produtos enviados ao exterior foram para a Comunidade Européia), a existência de vastas quantidades de terras (fronteira agrícola), de mão de obra abundante e barata e o esforço real por parte do capitalismo brasileiro em intervir e concorrer no mercado mundial a partir da exportação de *commodities* agrícolas são fatores que ajudam a explicar essa expansão da soja (SORJ, 1980).

Assim os produtos exportáveis pela via de efeito-substituição aumentaram sua área em detrimento da diminuição dos produtos agrícolas. A evolução dos preços internacionais da soja, carne bovina e suco de laranja no período 1967/76 foi o grande vilão da ocupação de áreas antes utilizadas pelo cultivo de arroz, milho, mandioca entre outros (ver ZOCKUN, 1978). A soja liderou esse processo; segundo Homem de Mello (1980, p. 70 e 71); sua área passou de 906 milhões de hectares em 1969 para 6.416 mil hectares em 1976.

Observando o Gráfico 5, é possível averiguar o alto crescimento da soja desde a década de 1950. Enquanto as culturas para o mercado interno, como o arroz e o milho, tiveram um crescimento irrisório, o feijão, após 1967, demonstrou números negativos. Até porque a expansão da soja nesse

momento se deu no Centro-Sul, responsável por 2/3 do cultivo dos principais alimentos. Isso contribuiu para o péssimo desempenho da produção brasileira de alimentos, durante a década de 1970.

Urge pontuar que após o “milagre econômico” as culturas de exportações, em especial a soja e a laranja (Gráfico 5), passaram a registrar excelentes índices de crescimento, pois havia várias políticas, como se descreveu nos itens anteriores, de fomento a essas agriculturas com vistas a gerar divisas para o Brasil.

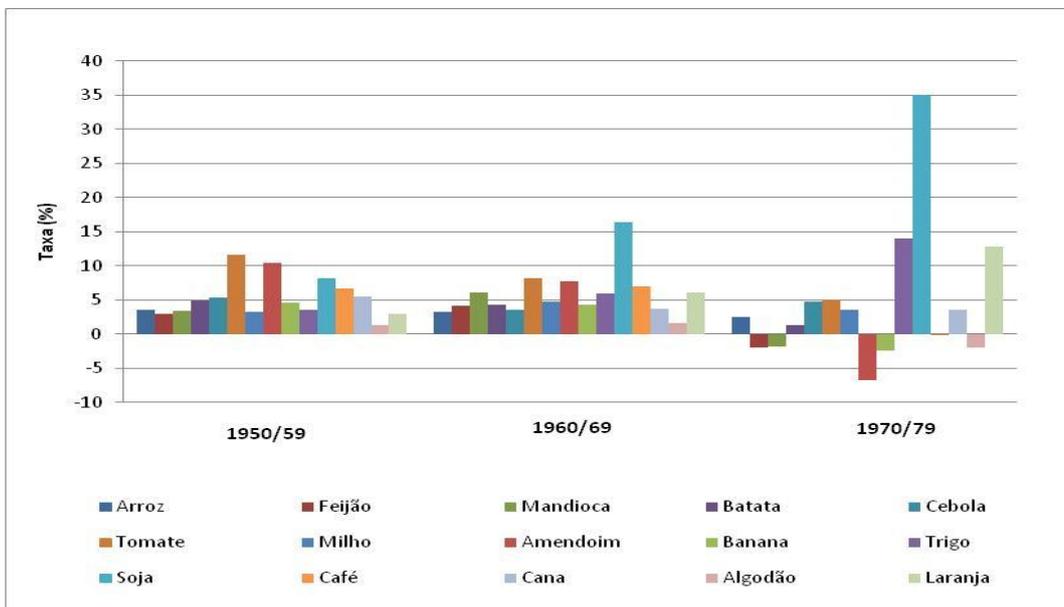


Gráfico 5 – Taxas de crescimento da produção agrícola brasileira em %, Fonte: Homem de Melo e Zockun (1977, p.68)

Com o colapso gerado em decorrência da elevação dos preços do petróleo consumido internamente, houve uma acentuada redução das reservas em 1974 e 1975. A partir de 1974, as autoridades brasileiras tomaram algumas medidas, para manter nossas divisas e atenuar a situação difícil do setor externo. Em 1975, o governo intensificou o controle das importações; em 1976, concedeu crédito subsidiado para acréscimo às exportações (manufaturados e semimanufaturados).

[...] Ainda em 1974, os preços tenderiam novamente a subir, influenciados, dessa vez, tanto pela seca nas regiões produtoras norte-americanas quanto pela forte demanda externa, provocada por inundações e problemas de suprimentos em vários países importadores (SPINOLA, 1972, p. 176).

Para Homem de Melo e Zockun (1977, p.33), no início de 1976 os preços da soja, que já eram um dos principais produtos na pauta de exportações, estavam desfavoráveis no mercado internacional; esse fato fez o governo conceder isenção parcial e temporária do ICM às exportações, na forma de grão. Porém, em função de condições adversas de clima na Europa e China, o mercado reagiu e o preço da soja alcançou US\$ 300 a tonelada em meados desse mesmo ano.

Somente no início da década de 1980, o governo reforçou a agricultura como prioridade com três objetivos:

- fomentar a expansão de produtos exportáveis;
- “encher a panela do povo”; e
- aumentar a produção de alternativas ao petróleo, ou seja, cana-de-açúcar (Proalcool).

No livro *Prioridade agrícola: sucesso ou fracasso?* (1985), Homem de Melo afirma que em 1984 houve um incremento de 13,3% nas culturas exportáveis (soja, laranja, fumo, cacau, algodão e amendoim). E de 1977 a 1984, os exportáveis cresceram em média 2,56% ao ano. Isso se deve a um maior uso de tecnologias por essas culturas, a uma política fiscal incentivadora, em especial após fevereiro de 1983, e à recuperação mundial a partir desse mesmo ano. Esses três fatores favoreceram o país no quesito referente às exportações agrícolas.

Em 1985, o complexo soja contribuiu com cerca de 23,2% das exportações agrícolas (US\$ 3,2 bilhões em termos reais); o café, com 23,7% (US\$ 3,28 bilhões); o açúcar, com 32,2% (US\$ 450 milhões). O ano de 1985 já mostrou também a presença de alguns produtos que mais tarde tornaram estratégicos na balança comercial brasileira, como o fumo, que participou com 3,9% (US\$ 540 milhões); o suco de laranja e outras frutas, com 6,8% (US\$ 940 milhões); o complexo bovino (carnes e couro), com 4,7% (US\$ 650 milhões); e o frango, com 2,2% (US\$ 300 milhões). Os demais produtos, nos quais estão incluídos os manufaturados, que contribuíram com apenas 11,4% em 1965, subiram para 65,6% em 1985, 24,5% (US\$ 4,6 bilhões). (COELHO, 2000, p. 21)

Em 1985, a participação das exportações agrícolas ainda representavam 42,7% e o complexo da soja contribuiu com cerca de 23,2% desse total. O crescimento foi elevado, visto que a soja apareceu na pauta de exportação em 1972, mas em 1985 já apresentava tais números.

Justamente no período em que a geração de divisas era tão imprescindível para a economia nacional. Assim, “[...] a expansão da quantidade exportadora de produtos agrícolas, a partir de 1974, foi basicamente devido às exportações de soja (grãos, farelos, óleo)” (MELLO, 1979, p.101).

Segundo Pereira (1995, p. 14 e seguintes), no início da década de 1970 vários acontecimentos no exterior, num breve período de tempo, trouxeram transformações profundas que foram determinantes para o crescimento do setor de soja no território nacional. Entre eles, o autor cita a desvalorização oficial do dólar em 1971.

Para os importadores de soja americana, esse fato representou preços menores. Esses preços em patamares menores incentivaram a demanda mundial, fazendo-a crescer e, conseqüentemente, os preços mundiais subiram. E em 1972, a União Soviética comprou uma significativa parte da produção americana de grãos, o que provocou uma pressão no preço de *commodities*, incluindo a soja, que no ano seguinte “bateu” o seu recorde histórico de preços.

Porém, o evento primordial para o aumento dos preços da soja foi a queda quase total no nível de captura de anchovas na costa peruana, em consequência do fenômeno *El Niño* que foi excepcionalmente intenso no período de 1972 a 1973.

Nesse momento, a indústria da ração mundial era fortemente dependente do farelo de peixe do Peru. Com tal crise, o farelo de soja passou a ser usado como fonte de proteína alternativa para avicultura e para suinocultura das nações industrializadas.

Simultâneo a esse fato, uma seca muito intensa trouxe significativas perdas agrícolas em parte da África Central, em especial na produção de amendoim. Os únicos substitutos disponíveis para o farelo de peixe e torta de amendoim eram os farelos de sementes de oleaginosas, como o de soja, portanto a demanda por farelo de alto teor de proteína alcançou níveis sem precedentes.

De 1972 a 1973, o preço médio mundial de soja subiu 81%, enquanto o do farelo do grão de soja subiu 105%. Em junho de 1973, o governo americano, tentando amenizar os problemas causados pela crise, restringiu as exportações de soja e seus derivados, impondo um embargo.

Mesmo o mantendo por poucos dias, essa decisão causou impactos de curto e longo prazo. Conseqüentemente houve um rápido aumento dos preços do farelo de soja na França, por exemplo; com o anúncio do embargo, os preços saltaram de 65 para 240 francos por cem quilos.

Para o Japão e os países da Europa Ocidental, esse embargo teve consequências gravíssimas, já que sua indústria avícola era totalmente dependente dos farelos protéicos importado do Peru e dos Estados Unidos.

Embora os preços tenham sido reduzidos com o fim do embargo, a confiança do mercado internacional na soja americana foi abalada. Era preciso abrir outros mercados fornecedores para o consumo mundial do complexo que aumentava a cada ano. Contudo, a partir de tais fatos a soja brasileira passou a ganhar espaço no mercado internacional.

O Japão, seguido por nações européias, mandou representantes para o Brasil, com a finalidade de avaliar nossa produção e nosso potencial para abastecer o mercado mundial. Assim, nasceu o Prodecer. Os compradores internacionais verificaram que a qualidade protéica do farelo e de óleo brasileiro era superior à dos americanos. Assim, poderiam realizar o reprocessamento e extrair mais óleo.

Não há dúvidas que todos esses fatos foram imprescindíveis para analisar o rápido crescimento das exportações de soja após 1973. “Em quatro anos, a exportação da soja e de seus derivados aumentou 125%. Dez anos depois, a produção alcançou 14,6 milhões de toneladas, quase o triplo da produção de 5 milhões obtida em 1973” (WARNKEN, 1999, p.25)

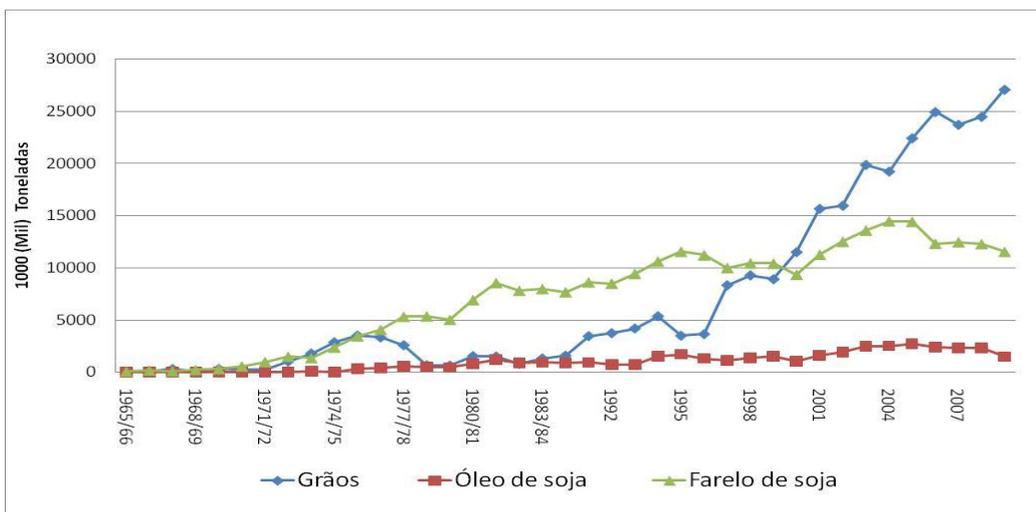


Gráfico 6 – Exportações do complexo da soja em mil toneladas.

Fonte: Até o ano de 1985/86, Bonato e Bonato, (1987, p. 31, 33 e 35). De 1992 a 2009, Abiove (2009). Não se dispõe dos anos de 1987 a 1991 por falta de fontes.

No Gráfico 6, verifica-se que o crescimento da exportação do farelo de soja entre os anos de 1965/66 a 1985/86 foi de 8.215,23%. Da crise do petróleo de 1972/73 até aos últimos anos de 1985/86, quase quintuplicou. Em relação à exportação de grãos, o crescimento em 30 anos foi de 4.608%. Houve anos de queda, mas ocorreu uma recuperação significativa nos últimos anos.

Anteriormente, o óleo de soja destinava-se a atender o mercado interno. De 1985/86 a 2009, o incremento das exportações se deu na ordem de 784% para o grão; de 160,42% para o óleo; e de 133,84% para o farelo. Cabe notar que houve um aumento importante de exportação do grão de soja após 2002. Foi justamente a partir desse ano que o acréscimo do plantio de soja obteve um vultoso desenvolvimento. Isso aconteceu pelos altos preços dessa *commoditie* no mercado mundial em 2002/03, o que alavancou o plantio da soja, bem como sua exportação.

Portanto, os dados corroboram a tese de que o aumento da demanda mundial e da demanda interna por soja configurou-se como um dos fatores que mais influenciou o crescimento do complexo de soja brasileiro, tanto na produção de grãos como de seus derivados industrializados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Um ponto importante não discutido em detalhes neste artigo foi a participação do Estado por meio da implementação de várias políticas agrícolas, que impulsionaram o plantio de soja no território brasileiro, em especial o Sistema Nacional de Crédito Rural de 1965, o incentivo ao plantio do trigo, o programa de preços mínimos e os pólos de desenvolvimento no Nordeste e Centro-Oeste, entre outros.

Por fim, observa-se que a expansão da soja no território brasileiro estava atrelada a uma política econômica agressiva de inserção do Brasil no mercado mundial de *commodities* como um dos maiores produtores e exportadores. Nesse ínterim, a soja foi o “carro chefe” responsável pela modernização e dinamização da agricultura nacional.

Para atender a tal demanda, houve efetiva ampliação da rede de transportes – estradas, portos; direcionamento dos bancos ao crédito rural; crescimento e expansão das cooperativas, atuando junto

ao produtor; diversificação das agroindústrias nacionais e internacionais; e modernização das comunicações.

Enfim, o campo tornou-se o lócus da modernidade, em parte graças ao complexo da soja.

Os problemas ambientais provocados pelo complexo sojicultor não se mencionaram neste texto, mas hoje constituem uma celeuma para a expansão da soja em determinadas regiões do país, em especial em partes da Floresta amazônica. Vários movimentos ambientalistas alertam para os impactos que essa cultura provoca ao incorporar tais áreas.

REFERÊNCIAS

ABIOVE. Complexo da soja: balanço da oferta e demanda. Disponível em: http://www.abiove.com.br/balanco_br.html. Acesso em: 24 jun. 2008.

BERTRAND, J.; LAURENT, C.; LECLERCQ, V. **O mundo da soja**. São Paulo: Hucitec, 1987.

BONATO, E. R. **A soja no Brasil**: história e estatística. Londrina: Embrapa-CNPSO, 1987.

COELHO, C. N. O “Agribusiness” brasileiro e as macrotendências mundiais. **Revista de política agrícola**. São Paulo, ano 9, n. 01, p. 27-37, jan. fev. mar. 2000.

CONAB. Companhia Nacional de Abastecimento. **Acompanhamento da safra brasileira**. Disponível em: http://www.conab.gov.br/conabweb/download/safra/2graos_09.10.pdf. Acesso em: 05 nov. 2009.

DELGADO, G. C. **Capital financeiro e agricultura no Brasil**. Campinas: Unicamp, 1985

DALL'AGNOL, A. **Soja**: o fenômeno brasileiro. Londrina: Embrapa, 2008.

MELLO, Homem F. B. de. A agricultura nos anos 80: perspectiva e conflitos entre objetivos de política. **Revista estudos econômicos**, São Paulo, v.10, n.2, p. 57-101, maio / ago., 1980

_____. A agricultura de exportação e o problema da produção de alimentos. **Revista estudos econômicos**. São Paulo, v. 9, n.03, p.101-121, set. / dez. 1979

_____. **Prioridade agrícola**: sucesso ou fracasso? São Paulo: Fipe. 1985

MELLO, Homem F. B. de; ZOCKUN, M. H. G. P. Exportações agrícolas, balanço de pagamento e abastecimento do mercado interno. **Revista estudos econômicos**, v.7, n.2, p.9-50, maio / ago. 1977.

MAPA. Agricultura mundial: Disponível em: <http://www.agricultura.gov.br/>. Acesso em: 19 jun. 2009

PEREIRA, S. R. A situação do complexo soja. **Revista de política agrícola**, Brasília, ano 4, n.01, p. 19-23, jan. / mar. 1995

SILVA, J. C. T. Carne de frango: aumenta a demanda mundial e a produção brasileira acompanha o crescimento. Disponível em: <http://www.aviculturaindustrial.com.br>. Acesso em: 27 maio 2008a.

SILVA, José Graziano da. **A nova dinâmica da agricultura brasileira**. Campinas: Unicamp, 1998b.

SORJ, B. **Estado e classes sociais na agricultura brasileira**. Rio de Janeiro: Zahar, 1980.

SPINOLA, N. D. **Commodities: o preço do futuro**. Rio de Janeiro: IBMEC, 1972.

USDA– United States Department of Agriculture. World Agricultural Supply and Demand Estimates. Disponível em: <http://usda.mannlib.cornell.edu/MannUsda/viewDocumentInfo>. Acesso em: 18 jun. 2007

WARNKEN, P. O futuro da soja no Brasil. **Revista de política agrícola**. Brasília, ano 9, n. 02, p. 54-64 abr. / mai. / jun. 2001

ZOCKUN, M. H. G. P. **A expansão da soja no Brasil: alguns aspectos da produção**. São Paulo: IPE/USP, 1978.

RESUMO

Produto das discussões do segundo capítulo da tese de doutorado intitulada *A Embrapa/Soja em Londrina (PR)*. Pesquisa agrícola dum país moderno que analisou a criação da Embrapa/Soja em Londrina, como parte integrante do projeto nacional desenvolvimentista, idealizado a partir da década de 1930. Discutem-se os fatores da expansão da soja no Brasil, a fim de entender quais agentes externos e internos foram responsáveis pelo incentivo à expansão do plantio de soja no território brasileiro, no decorrer das últimas décadas, tendo em vista a importância dessa *Commodity* como geradora de divisas e importante produto para o mercado interno em franca expansão. Defende-se que a expansão da soja no território nacional a partir da década de 1960 teve influência direta da demanda internacional por essa oleaginosa, além de atender à demanda interna, proveniente da crescente urbanização e mudança nos hábitos de alimentação da população brasileira.

Palavras-chave: Soja. Demanda internacional. Demanda interna.

ABSTRACT

This paper is the result of discussions of the second chapter of the thesis entitled: The Embrapa/Soja in Londrina (PR) agricultural research of a modern country. This thesis analyzed the implementation of the Embrapa/Soja in Londrina, Parana State, Brazil, as part of national development project, designed from the 1930s. Discuss factors of the expansion of soybean in Brazil, with a view to understand which internal and external agents were responsible for promoting the expansion of planting of soybean in Brazilian territory during the last decades in view of the importance of commodity as generator of currencies and important product for the internal market in expanding. Advocates that the expansion of soybean in the national territory from the 1960s had direct influences of demand for that oilseed international, in addition to internal demand, from the growing urbanization and changes in habits of feeding of the Brazilian population.

Keywords: Soy. International demand. Domestic demand